XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

SOBRE AS MEMÓRIAS SOCIAIS:
DISPOSITIVO DE POSSÍVEIS NUMA CONVULSÃO DE TEMPOS

Aline Reis Calvo Hernandez
alinehernandez@hotmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Patrícia Binkowski
patinski77@yahoo.com.br
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
Brasil

Gabriela Vitória
vitoria.gabriela@gmail.com
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
Brasil

RESUMO: Propomos uma discussão teórico-epistemológica alternativa às definições clássicas de memória social. Apresentamos um conjunto de argumentos, a partir de diferentes vertentes: da Sociologia Crítica (Martín-Baró; Santos, Dussel), da História (Halbwachs; Pollak) e da Filosofia (Foucault; Rancière). Propomos, pois a confluência entre diferentes epistemologias, a fim de compreender e explicar o constructo "memória social". A primeira abordagem epistemológica situa sobre a importância de olhar criticamente a História, a partir das narrativas dos grupos sociais, pois ali podem ser encontradas contradições entre o discurso histórico oficialmente produzido e as memórias sobre os tempos/espaços vividos. Nos termos de Pollak (1989), as "memórias subterrâneas" e silenciadas quando narradas, fazem com que a História seja tencionada e que outras experiências coletivas sejam visibilizadas e afirmadas. A segunda traz a ideia de que é preciso recordar para (re)existir, perseguir na memória o que nos diferencia e interroga, sendo o presente *lócus* de produção e imaginação de cenários (passados ou não), mas sempre produzidos/inventados/vividos no presente. A terceira nos permite pensar a memória social como experiência psicopolítica, micropolítica, a memória como trajetórias subjetivas permeadas por relações de poder. Aprofundaremos um debate sobre a narrativa de memórias como uma experiência subjetiva no presente, que acontece no tempo/agora. Nesse sentido, não se trata de uma recuperação de memórias passadas, mas uma narrativa que irrompe, se inventa quando narrada. As narrativas serão consideradas elementos centrais de memórias sociais: os contextos de experiências. A memória será considerada um dispositivo de possíveis, a partir de uma convulsão de tempos, não como algo a ser recuperado/revisitado do "original" ou do passado. A memória social será abordada num contexto de relações subjetivas e intersubjetivas, a partir das alteridades e das idiossincrasias dos sujeitos que falam. O peso da memória social não recai sobre seu passado histórico, mas sua força existencial enquanto narrativa no presente, constituinte de um tempo possível no agora. Apresentaremos um axioma filosófico, histórico e psicossocial para discutir o conceito de memória

social como um dispositivo de possíveis, de re/existência, a partir de uma convulsão de tempos, sem necessariamente, prestar ancoragens ao passado histórico.
Palavras-chave: Memória social. Dispositivo narrativo. Tempo/agora.

ABSTRACT: We propose an alternative theoretical-epistemological discussion to the classical definitions of social memory. We present a set of arguments, from different perspectives: from Critical Sociology (Martín-Baró, Santos, Dussel), from History (Halbwachs, Pollak) and from Philosophy (Foucault, Rancière). We propose, therefore, the confluence between different epistemologies, in order to understand and explain the construct "social memory". The first epistemological approach focuses on the importance of looking at history critically, based on the narratives of social groups, because there contradictions can be found between the historically produced historical discourse and the memories about the lived times / spaces. According to Pollak (1989), the "subterranean memories" are silenced when narrated, make history history and other collective experiences are seen and affirmed. The second brings the idea that it is necessary to remember to (re) exist, to pursue in memory what differentiates and interrogates us, being the present locus of production and imagination of scenarios (past or not), but always produced / invented / lived in gift. The third allows us to think of social memory as psychopolitical experience, micropolitics, memory as subjective trajectories permeated by relations of power. We will delve into a debate about the narrative of memories as a subjective experience in the present, which happens in time / now. In this sense, it is not a recovery of past memories, but a narrative that breaks, is invented when narrated. The narratives will be considered central elements of social memories: the contexts of experiences. The memory will be considered a device of possible, from a convulsion of times, not as something to be recovered / revisited from the "original" or the past. The social memory will be approached in a context of subjective and intersubjective relations, starting from the alterities and the idiosyncrasies of the speaking subjects. The weight of social memory does not fall on its historical past, but its existential force as narrative in the present, constituting a possible time in the now. We will present a philosophical, historical and psychosocial axiom to discuss the concept of social memory as a device of possibility, of re / existence, from a convulsion of times, without necessarily providing anchorages to the historical past.
Keywords: Social memory. Narrative device. Time/now.

I. Introdução

A proposta do presente artigo reside em apresentar e discutir uma proposta teórico-epistemológica para pensar o constructo “memória social”. Para tal, partiremos de um referencial da Psicologia Social Sociológica e da Psicologia Política como campos de interface que permitem contato e zonas de permeabilidade com outras áreas (Sociologia, Psicologia, Filosofia, Antropologia, História, Política, Geografia, Semiologia).

O constructo "memória social" é um conceito em construção interdisciplinar. Na Psicologia Política Sociológica é um indicador importante nos estudos dos acontecimentos e comportamentos políticos, bem como, nos estudos das condições objetivas e subjetivas que envolvem os fenômenos políticos.

Importante também sublinhar a questão da "epistemologia situada" de produção da ciência segundo a Psicologia Política latino-americana, onde os conhecimentos científicos produzidos na academia devem servir para orientar práticas e intervenções sociais e/ou mudanças sociais que, em diálogo darão origem a novos conhecimentos científicos. Esses novos conhecimentos, oriundos de saberes em contexto (saberes dos grupos sociais em relação com os conhecimentos científicos) irão aperfeiçoar, melhorar as práticas de intervenção social. Esse movimento de idas e vindas forma um conjunto espiral, de círculos hermenêuticos de produção social da ciência.

Não obstante, para além de um saber circular esse encontro da ciência com os saberes em contexto produz um pensar labiríntico, um exercício cotidiano de produzir práticas fora da ideia de totalidade, de acabamento ou de chegada. O pensar labiríntico na produção social da ciência se dá numa condição de abertura, possibilidade de percorrer idas e retornos, descaminhos em busca de intertextualidades.

Em termos ontológicos, o ser do labirinto é um ser que questiona, procura, mas não afirma. Assume o inacabamento, a busca de intertextos que não têm fim. Trata-se de um trabalho de busca e de apropriação pela composição. Como no interior do labirinto, esse sujeito ontológico vai além do que vê à sua frente, pois compreende que o saber ali está sem ainda ser visto.

Nossa proposição é a de desconstruir o constructo de memória social. Como no mito grego de Penélope[1] propomos desfazer as tessituras conceituais já efetivadas, a fim de compreender os

[1] Penélope [em grego Πηνελόπη] na Mitologia Grega esposa de Ulisses, filha de Icário e Periboea. Conta o mito que por 20 (vinte) anos Penélope esperou a volta do marido Ulisses da Guerra de Tróia. Seu pai sugeriu que ela se casasse novamente, pois nada se sabia sobre a vida ou morte de Ulisses. Penélope se recusava a novo casamento, pois amava e esperava o retorno de seu marido. Dada a insistência de seu pai ela resolveu aceitar os pretendentes à sua mão sob uma condição: o casamento só seria celebrado após a confecção de um sudário para Laerte (pai de Ulisses). A fim de adiar o evento, Penélope adotou o estratagema de tecer de dia e à noite desmanchar todo o trabalho realizado.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pen%C3%A9lope

pontos, as tramas, os nós e ver de perto os fios. O trabalho de compor uma memória não tem origem ou fim, quanto mais eu busco mais me afasto da pergunta inicial.

Para tanto, nosso texto irá percorrer um caminho: a) Iniciaremos discutindo o constructo de memória social como um conceito antagonista às definições clássicas de memória enquanto recuperação de lembranças em um tempo que se foi; b) A seguir apresentaremos um conjunto de discussões teórico-epistemológicas e uma proposição possível para pesquisar em memória social partindo das coleções e intertextualidades; c) Finalmente apresentaremos um recorte de pesquisa em memórias sociais que usou coleções de fotografias (estudo semiológico) como dispositivo de narrativa na perspectiva dos próprios sujeitos sociais e históricos.

II. Referencial teórico

Memória Social e Narrativas de Memórias: Tópico Compulsivo e Intertextual

A memória social será tratada aqui como um tópico de interface, que se produz e é produzido por diferentes áreas (Sociologia, Psicologia, Filosofia, Antropologia, História, Política, Geografia, Semiologia) em trânsito e correlação. Quando pesquisamos em memória social os conteúdos não estão óbvios ou albergados numa área de conhecimentos, faz-se preciso procurá-los ou mesmo pensar novamente o já pensado. Sempre um “objeto” da ciência está sendo pensado, mas nunca ninguém o pensou completamente. A pesquisa e a produção científica em memória social é um constructo inacabado, a possibilidade de permear e borrar fronteiras disciplinares.

Cabe aqui uma pertinência: a de pensar e produzir pensamentos e reflexões, a partir de uma polifonia interdisciplinar. A questão da intertextualidade é fundamental em memória social, pois não há um texto linear a ser acabado, não há um texto escrito de antemão, mas textos em aberto. Não

existe uma memória encerrada no passado, mas uma narrativa de memória evocada no presente por diferentes dispositivos narrativos.

Claude Lévi Strauss (2007), conhecido antropólogo e filósofo propôs em sua obra "O pensamento selvagem*"* a imagem do "*bricoleur*", homem "primitivo" que tem necessidade de sobreviver e, por isso recolhe. Ele sabe que vai utilizar (e talvez possa nunca utilizar), mas tem consciência de que tem de agir, pois nada está feito por ele. Não é um ser consumidor, mas que recolhe artefatos que permitem confeccionar.

Assim, propomos que a pesquisa em memória social é a produção de conhecimentos situados, a partir de um conjunto de articulações e composições. Trata-se de uma confluência de fragmentos, a busca e o encontro de algo que não estava lá, e quando se compõe no presente extrapola a ideia inicial. Como dissemos de antemão, o pensar labiríntico só tem ponto de partida, não de chegada, a memória social se compõe de idas e vindas intertextuais.

Conversa com o presente, tempo-agora, mas parte do que já foi assumindo alguns regressos provocados no presente. Walter Benjamin diz que nos gestos da memória involuntária o passado aparece como um relâmpago.

Lopes (2010) nos traz o conceito de performance[2] de memória onde o que está dado significa o vazio e o que está por vir indica o transbordante, ou seja, infinitas posibilidades e aberturas para que os sujeitos criem e reinventem os sistemas de normas que limitam suas existências. Também somos as memórias que contaram sobre nós e não necesariamente as que lembramos ou queremos recordar. Nesse sentido, a autora refere que as memórias são, para os que narram, sinalizadores de subjetividade de seu tempo, uma ponte entre as recordações pessoais e a ficcionais. A "realidade" da vida se estreita com o simbólico e com o ficcional num só tempo.

[2] A autora refere uma primeira acepção ao termo performance dos diversos movimentos artístico-culturais das décadas de 60 e 70 do século XX denominados de *happening, collage, action painting, body art* etc. cuja intenção era superar as linguagens artísticas da tradição.

Para a autora (inspirada na proposta de Michael kirby para o teatro), a memória não busca representar alguém, datada num tempo e lugar, mas busca o corpo esvaziado das matrizes e modelos representados. A performance coloca ênfase na ação para além da representação. Ela usa a metáfora da construção de pontes que podem levar para muitos lugares: narrativas, documentários, histórias de vida que implicam na abertura das "matrizes de si". A abertura narrativa é por si uma forma de resistir à representação.

O contexto de memória é um acontecimento performativo que supõe um movimento de dupla face: imersão na interioridade conectado com a exterioridade pela força da evocação das memórias e da linguagem narrativa. Então, mesmo quando a tônica é rememorar o passado, a memória é ese acontecimento da presença no presente.

Para a autora os tempos passado, presente e futuros são totalmente intercambiáveis ou, como estamos afirmando aquí: convulsivos. Uma narrativa de memória se dá do entrecruzamento de muitos discursos.

> Na multiplicação dos tempos e espaços dos fragmentos da memória, se criam dobras que se dobram sobre si mesma numa sequência de remissões ao conjunto que as lembranças pertencem. Criar uma narrativa (…) significa agregar uma quantidade de fatos sobrepostos da memória que correm em diferentes direções. Sendo assim, os discursos da memória são sempre portais de inscrição de outros saberes, tempos e modos de existência (LOPES, 2010, p.137).

A ideia que defendemos aquí é a de encarar o espaço da memória como um lugar de trânsito, um lugar de subjetividades que não pode ser recuperado ou retomado, pois é revelação que inaugura um novo acontecimento cada vez que se dá, numa conjunção direta entre interioridade e exterioridade de quem narra.

O ato de lembrar não supõe fidelidade aos fatos como eles realmente aconteceram. "Lembrar está ligado ao imaginar, ampliar, omitir. Distorcer faz parte dos mecanismos da memória, na medida em que nossa imaginação acrescenta ou retira os fatos como uma auto defesa da mente" (LOPES, p. 129). O córtex cerebral estabelece diferentes conexões para o armazenamento e recuperação de memórias, fatores externos e internos, macas afetivas, experiências emocionais e

sensoriais interferem na evocação das memórias. Inclusive há um peso socio-histórico que se expressa nas memórias, trazendo a tona um conjunto de relações sociais, tensões e dilemas de uma época.

Assim, a propria linearidade da narrativa de memória quer ser problematizada. A narrativa que se constitui é fragmentada, dispersa, ambígua, costurada por idas e vindas não necesariamente encadeadas, pois envolve diferentes sentidos e tempos. A memória não será das experiências vividas, mas também daquelas desejadas e imaginadas. "Não são importantes as lembranças em si, mas o impulso acionado para lembrá-las, o discurso que se constrói com estas vibrações e o que se oferece à uma outra experiência vibrátil" (LOPES, p. 139) a de quem escuta e compartilha das memórias.

Assim, concebemos que as "epistemologias situadas em memórias sociais" são a evocação das memórias num tempo presente, um dispositivo de narrativas elaboradas pelos próprios protagonistas, sujeitos e grupos sociais que revisitam seus saberes etnográficos. Esse conjunto de etnosaberes traz consigo trajetórias, percursos, imagens, lugares, artefatos, experiências individuais ou coletivas vividas em primeira pessoa.

O processo de narrar uma memória social no presente só se produz mediante uma convulsão de tempos idos e porvires (passado e futuro), mas compartilhados no agora (presente). Trata-se de uma construção/invenção social de memórias que se dão na intertextualidade do espaço/tempo presente constituindo uma historicidade.

III. Metodologia

Gestos Metodológicos, Trabalho de Arquivo e Dispositivo de Possíveis

A fim de propor um trabalho metodológico com memórias sociais retomamos o trabalho de Walter Benjamin, filósofo, sociólogo, literário cujo trabalho objetivou elaborar uma "memória" da Modernidade, a partir do cotidiano da cidade de Paris do início do século XX.

O trabalho de arquivo na Biblioteca de Paris registra mais de 4.500 (quatro mil e quinhentas) fichas entre recortes de jornais, fotografias, trechos de romance e cartas postais. Trata-se de uma

confluência de registros documentais, textuais, imagéticos e literários que compõem uma coleção. Em termos metodológicos estamos tratando com uma proposta de ampliação de fluxo de dados para tentar compor um "objeto" de pesquisa, nesse caso, uma memória da Modernidade.

Para Bauer e Gaskell (2002) a combinação de diferentes fluxos de dados em pesquisa possibilita acessar múltiplas ideias e percepções sobre um mesmo tema, uma espécie de armazém sobre um mesmo tema sabendo-se que o arquivo e a experiência do arquivamento são sempre maiores que o texto que irá se produzir. A coleção oriunda do arquivo é o intertexto em si.

Nesse caso, algumas etapas metodológicas podem ser elucidativas para compor o arquivamento e chegar às coleções:

1º Escolher o tópico ou tópicos oriundos do "objeto" de estudo;
2º Construir o arquivo sobre o qual se quer falar, a partir do olhar dos protagonistas;
3º Seriação, ordenar as sequências em que surgem;
4º Compor por ligações a partir de repetições, variações e diferenças.

O trabalho de composição é o de criar ligações que ainda não existem, dizer diferente o que ainda não foi dito deixando-se guiar pelos sujeitos, documentos, imagens e artefatos que estão a narrar. O trabalho de composição é o de exprimir pluralidade em torno a um tópico, mediante um trabalho de articulação entre diferentes elementos de narrativa.

Nesse sentido, é preciso buscar: o que se diz sobre (valor de uso da ciência, ideia de acabamento, ótica totalitária); o que os diferentes sujeitos e grupos dizem sobre (valor de compreensão e aprofundamento, ideia de ampliação, significação, processo de diferenciação, ótica fragmentária) e o que o leitor diz sobre (a intenção de eco ou espelho dos diferentes grupos sociais, a zona do metadiscurso, ideia de abertura dos que interpretam desde "fora", ótica da ampliação).

Na pesquisa "Território e Territorialidades: Significados a partir de Fotografias e Narrativas na Área de Proteção Ambiental Rota do Sol, Rio Grande do Sul, Brasil" se buscou conhecer os diferentes significados de território e territorialidade, a partir de fotografias e narrativas na Área de Proteção Ambiental Rota do Sol. A pesquisa focou em um estudo qualitativo analisando fotografias

antigas e as narrativas junto à população local a fim de conhecer sobre a perspectiva dos moradores locais sobre suas realidades.

Sobre o contexto de pesquisa, a Área de Proteção Ambiental (APA) Rota do Sol pertence em sua maior parte ao município de São Francisco de Paula, localizado no nordeste do Rio Grande do Sul, sua extensão é de 3.273,498 km², conta com 20.540 habitantes, sendo 63% da população urbana e 37% rural (IBGE, 2010). O setor agropecuário movimenta 44% de Produto Interno Bruto (PIB) do município (IBGE, 2008), onde uma das principais atividades é a bovinocultura.

O condicionante primário para participar da pesquisa foi possuir fotografias antigas do local. Outra importante fonte foi um grupo de rede social da internet que reúne fotos antigas da Aratinga (parte da APA Rota do Sol está inserida nesta localidade), assim foi possível encontrar as pessoas que possuíam fotos antigas e moram ou moraram na região. Ao total foram 05 participantes.

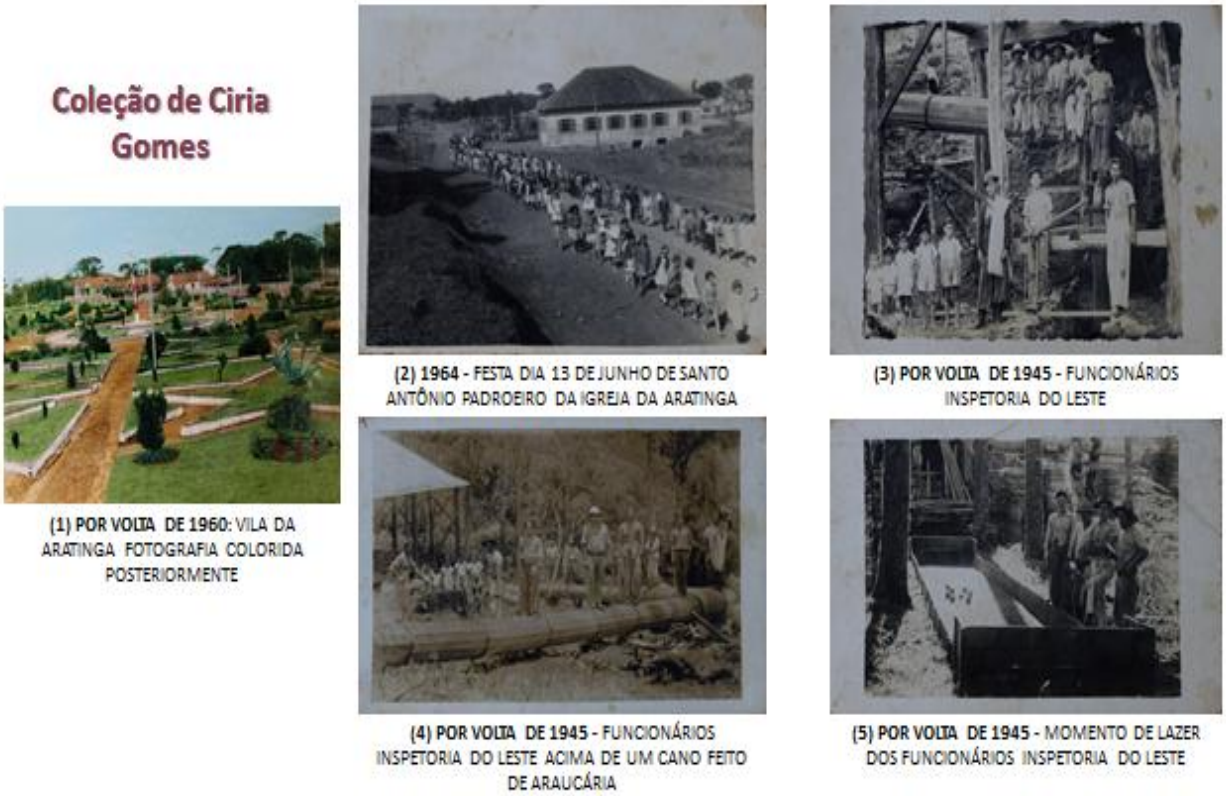
Aos que se dispuseram em conceder entrevista foi marcado um encontro na residência ou em local acordado. Ao iniciar a entrevista se solicitava que escolhesse 05 (cinco) fotografias mais relevantes e contasse as histórias das fotografias e o que elas significam seguindo a ordem das escolhas de cada um/a. Terminado o trabalho de campo ficamos com uma coleção final de 25 (vinte e cinco) fotografias e 05 (cinco) entrevistas narrativas gravadas em áudio, todas com mais de 1h de duração.

IV. Análises e Discussões Preliminares

Os dados da pesquisa ainda estão sendo analisados, mas já podemos discutir alguns aspectos interessantes. Atualmente contamos com 04 (quatro) campos analíticos emergentes:

1. (Des)envolvimento socioeconômico x alterações ambientais e nas formas de vida;
2. Territorialidade e Sentimentos de Pertença;
3. Festas, Religiosidade e Família;
4. Políticas Públicas e Órgãos Ambientais.

A coleção da participante Ciria Gomes[3] permite ilustrar alguns elementos analíticos expostos até aqui. O primeiro aspecto que chama a atenção é a forma como ela ordena a sequência de fotografias para expressar sua narrativa sobre a Vila de Aratinga. Na sequência de fotos, vemos que a 3ª, 4ª e 5ª imagens datam de 1945 (aproximadamente), sendo que a 1ª e a 2ª são de 1960 e de 1964 consecutivamente. Nesse sentido corrobora-se a ideia de uma narrativa de memória que não é linear, mas se faz no fluxo da narrativa conforme sua emergência. Também chama a atenção que a única fotografia "em cores", conforme a participante foi colorida posteriormente de forma manual, pois naquela data não se faziam fotografias coloridas naquele local.



Essa peculiaridade da imagem se refere ao "*punctum*" (ponto, picada) colocado por Barthes (1984) no livro "A câmara Clara" onde o autor refere a importância de analisar os elementos sociais e culturais presentes na fotografia que, não necessariamente estão plasmados no 1º plano, ou seja,

[3] A participante permitiu a divulgação de seu nome via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em pesquisa, em se tratando de um estudo de memória social.

não são óbvios aos olhos do observador. Para Barthes esses elementos só podem ser narrados e analisados a partir de um tempo da fotografia que é uma espécie de "picada", algo que irrompe a obviedade do plano estático colocado na imagem. Interpretado como um ponto aberto é a dimensão, o efeito subjetivo da imagem a ser narrado. Esse ponto é diferente do "*studium*" (estudo, investimento) que pode ser descrito por qualquer observador, aspectos que todos ao observar podem ver.

Para o autor as imagens devem ser vistas desde sua latência e a análise semiológica implica em processos de conotação e a denotação. A conotação envolve os conhecimentos culturais que permitem compreendê-la, desmistificando o processo de obviedade. Nos termos de Pollak (1989) há sempre - nas narrativas de memória - uma escolha dos fragmentos que serão contados, ditos e dos que serão silenciados. Assim, a memória social tem essa força da performance narrativa que revisita, inventa e silencia.

A paisagem local e, principalmente a modificação da paisagem aparece quando os participantes narram as fotografias antigas e comparam-nas com a paisagem atual. O exercício de ir e vir acontece quando traçam uma ponte entre a imagem material diante de seus olhos e a paisagem que podem ver através das janelas com a qual interagem em seu entorno/contexto local. Trata-se de uma memória recursiva que não consegue falar do ontem sem compará-lo ou ancorá-lo no hoje.

A territorialidade aparece como um elemento central para discutir o território, o ambiente, as relações sociopolíticas, os imaginários culturais em consonância com as demandas da realidade local. O fato de contar as histórias das fotografias ofereceu múltiplas possibilidades narrativas, o que possibilitou que os participantes relatassem suas memórias vinculadas a importantes fatos da história. As fotografias possibilitam, além de um trabalho de arquivo, uma importante ferramenta para o enriquecimento de detalhes pela narrativa.

Foi recorrente nas histórias relatadas a construção da rodovia Rota do Sol (Fotografias 3 e 4) como fator de "desenvolvimento" local, mas esse aspecto foi problematizado pelas questões vinculadas ao campo e as mudanças de uso e exploração, especialmente a exploração das lavouras de soja e silvicultura de pinus e eucalipto e da criação de gado.

Foi perceptível, por meio dos relatos, que as mudanças que ocorreram principalmente em relação à construção da rodovia influenciaram e alteraram as formas de vida da população local. Nes-

se sentido, não podemos pensar o desenvolvimento regional somente como um sinônimo de progresso, avanço, prosperidade, mas como des-envolvimento, ou seja, um fenômeno exógeno que supõe o abandono de alguns vínculos proximais (envolvimento) e de algumas formas de ser e estar num território. Conforme os participantes houve forte alteração da paisagem local, mudanças significativas em relação ao uso da terra, a demarcação de fronteiras e as formas de produção rural. Atualmente a agropecuária, além de ter importância econômica, também tem relevante representação cultural e social e se relacionam e interferem no ambiente e na paisagem local.

Outra dimensão narrativa emergente foi o sentimento de pertencimento dos entrevistados com a localidade. A forte identidade com o local expressa a territorialidade, os vínculos estabelecidos com o território e a valorização do lugar desde uma dimensão afetiva para além de ambiental e potencialmente econômica. Segundo Haesbaert (2004), o território em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional "poder político", ele diz respeito ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. Ao tempo que transformações no território acontecem em geral quando se muda a forma de práticas e uso do recurso, tais transformações ocorrem tanto no âmbito material (funcional, meio) quanto imaterial (simbólico, representações) e podem interferir em dois atributos do conceito de território: a paisagem e a identidade (HAESBAERT, 2004). Assim se traz o conceito de territorialidade, que além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está "intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar" (HAESBAERT, 2004).

Outros elementos narrativos foram atinentes à tradição local, principalmente em relação às festas locais vinculadas à religiosidade e à família (Fotografia 2). Esses dois aspectos, da religião e da família constituem uma base moral e normativa em sociedades "mais fechadas", menos complexas e "tradicionais". As festas, apesar de serem momentos de ócio e fruição estão vinculadas à comunidade religiosa (Igreja Católica) local. Exemplo: A participante Ciria mostra a fotografia da procissão e conta que à época era realizada na data de Santo Antônio, 13 de junho, padroeiro da igreja da Aratinga. Como no mês de junho que o clima é bastante frio, segundo ela atualmente a festa é realizada em dezembro quando o clima já está mais quente e assim comparecem mais pes-

soas. Vários dos interlocutores contam que nas festas de igreja além dos moradores da região também regressam muitos dos antigos moradores que se mudaram para cidade, assim esses festejos se caracterizam como um reencontro daqueles que têm algum tipo de laço com a localidade.

A influência dos órgãos ambientais na região também foi trazida nas narrativas, o qual se mostra como importante fator para pensar políticas públicas, especialmente nestes locais de relevância ambiental que restringe e/ou controla o uso da terra. As discussões sobre as perspectivas locais são essenciais à elaboração de políticas públicas mais apropriadas às diferentes comunidades.

V. Conclusões

O uso da fotografia se mostrou um recurso metodológico valioso à investigação sobre os significados do território e da territorialidade na presente pesquisa que ainda está em andamento, trazendo aspectos que possivelmente não estariam presentes em entrevistas embasadas num questionário. Acreditamos que nas Ciências Sociais é importante pesquisar através de metodologias embasadas em pressupostos epistemológicos preocupados com a produção de um "conhecimento-emancipação" em oposição a um conhecimento-regulação. É importante deixar com que os participantes falem e tragam seus "saberes situados" à discussão acadêmica.

Na proposição teórico-metodológica que apresentamos a intenção foi de pensar a pesquisa em Ciências Sociais como um "campo em aberto", que está sendo em movimento. Para tal, implica que a pesquisa seja uma prática aprendida no contato da área com sua exterioridade, um trabalho de transgressão fora de nossas disciplinas específicas.

Compreender as histórias locais mediante a ativação de memórias sociais é uma forma de compreender como se tecem as histórias, como são vividas, percebidas e narradas as realidades locais para além das narrativas oficiais e dados dos censos.

A pesquisa aponta até o momento a urgência de traçar planos e projetos de gestão pública, de política social e ambiental que levem em conta a voz, as demandas e a participação efetiva dos

sujeitos ou beneficiários das políticas. Estudos de memória social são urgentes, haja vista a extrema carência de conhecimento das populações locais, de seus saberes e práticas.

E notável a demanda dos participantes em torno à urgência de políticas públicas que deem conta destas questões de forma equilibrada na busca de um desenvolvimento sustentável. Para que isso seja possível é fundamental o reconhecimento dos elementos que constituem o território e suas relações, especialmente com o ambiente, que é um dos pontos centrais a serem abordados nas instâncias decisórias de gestão do município.

VI. Bibliografia

BARTHES, R. **A Câmara Clara. Nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUER M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som***:* um manual prático. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo.** Trad. José Martins Barbosa e Hermerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas, v.3).

_____. **Sociologia.** 2ª ed. Trad., introd. e org. Flávio Kothe. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 7ª ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet; prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v.1).

_____. **Rua de mão única**. 5ª ed. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Obras escolhidas, v.2).

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização e as "regiões-rede". **Anais**. V Congresso Brasileiro de Geografia. Curitiba: AGB, 1994. pp. 206-214.

_____. *O mito da desterritorialização*: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Dados sobre o município de São Francisco de Paula, RS. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 12 Jan. 2016.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem.** Rio de Janeiro: Ed. Papirus, 2007.

LOPES, B. A performance da memória. **Revista Sala Preta**. USP, 2010, pp. 135-146. http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57397/60379

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.